

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

Favor não transportar este impresso no Shabat; após o Shabat, estará à sua disposição

Hashem reassegura Moshê

Moshê perguntou a *Hashem* porque o sofrimento de *Benê Yisrael* havia se intensificado desde que fora enviado para pedir ao Faraó que deixasse o povo sair. "Tua Misericórdia transformou-se em Justiça?" reclamou.

"Não. Estás enganado," repreendeu-o *Hashem*. "Eu sou *Hashem*. Mesmo quando minhas ações parecem severas, originam-se de sentimentos de misericórdia. Tu não te pareces com teus ancestrais. Nunca se queixaram, apesar de Eu só lhes ter aparecido sob o nome de *Sha-dai*, e nunca revelei-Me a eles sob Meu Nome *Hashem*, que é o nome através do qual sou conhecido quando cumpro Minhas promessas. Os Patriarcas não testemunharam o cumprimento das promessas que lhes fiz, e mesmo assim não se queixaram. Mesmo *Benê Yisrael* permaneceram leais a Mim. Não se rebelaram sob o jugo egípcio, mas aceitaram Minha vontade sem queixas, imitando seus ancestrais. Por conseguinte, são dignos de serem redimidos, por causa da aliança que selei com seus antepassados.

As quatro expressões de liberdade

"Vá e proclame que com certeza os redimirei, e diga-lhes:

✓ *Vehotseti* – Eu os conduzirei fora da escravidão do Egito;

✓ *Vehitsalti* – e os libertarei de qualquer tipo de serviço, mesmo do trabalho mais leve;

✓ *Vegaalti* – e os redimirei ao atravessarem o Mar Vermelho; até o milagre da abertura do mar (onde os egípcios pereceram), os judeus ainda temiam ser obrigados a voltar à escravidão pelos antigos opressores;

✓ *Velacachtí* – e os tomarei como Meu povo, entregando-lhes Minha *Torá*. Este é o propósito pelo qual estão sendo libertados."

Na noite de *Pêssach*, bebemos quatro copos de vinho para agradecer a *Hashem* pelos quatro tipos de liberdade acima mencionados.

Hashem concluiu Suas palavras a Moshê dizendo:

✓ *Veheveti* – e os levarei à Terra que jurei dar a seus antepassados como herança."

Benê Yisrael e o Faraó ignoram as palavras de Moshê

Moshê voltou aos campos de trabalho e proclamou a mensagem de liberdade de *Hashem* a *Benê Yisrael*. Anunciou que deviam abandonar a idolatria egípcia e devotarem-se ao serviço de *Hashem*, pois estavam prestes a ser redimidos. Contudo, os judeus estavam tão severamente oprimidos que não deram ouvidos à mensagem de Moshê, protestando: "Pode um escravo servir dois amos simultaneamente? Somos escravizados pelo Faraó, e tememos transgredir suas leis!"

Hashem ordenou a Moshê: "Agora vá ao Faraó e ordene que liberte *Benê Yisrael!*"

"Como posso fazer isto?" protestou Moshê. "Quando contei a *Benê Yisrael* sobre a vindoura redenção, não escutaram, apesar desta mensagem trazer-lhes boas notícias. Se é assim, certamente o Faraó não escutará notícias que são desagradáveis para ele! Não sou orador, minha fala é pesada!"

Por causa de relutância de Moshê, *Hashem* mandou Aharon acompanhá-lo e explicar as palavras de Moshê ao Faraó. Apesar de *Hashem* já ter previamente revelado a Moshê que Aharon o acompanharia, havia Se referido apenas ao fato de que Aharon atuaria como intérprete para *Benê Yisrael*. Agora, ordenava que Aharon auxiliasse Moshê também quando falasse com o Faraó.

Hashem instruiu Moshê e Aharon a serem pacientes com *Benê Yisrael* e tratar respeitosamente o Faraó.

Hashem disse: "Apesar de irem lá para afligi-lo, dêem-lhe a devida honra, pois é um rei."

Hashem prevê a recusa do Faraó

Hashem disse a Moshê e Aharon para ordenarem ao Faraó deixar o povo sair. Predisse: "Eu endurecerei o coração do Faraó, e então multiplicarei Meus sinais e maravilhas no Egito."

Isto não significa que o Faraó não podia arrepender-se porque *Hashem* estava endurecendo seu coração. As palavras do Todo Poderoso implicavam: "Eu lhe darei uma chance de fazer *teshuvá* durante as cinco primeiras pragas. Somente depois disso, se ele insistir em sua iniquidade é que lhe negarei Minha Mão, pronta a ajudar os que fazem *teshuvá*."

Nossos Sábios afirmam: "*Habá letaher messain otô* – Aquele que quer se purificar recebe ajuda Divina; aquele que quer se macular lhe é dada oportunidade para tanto."

O homem é livre para escolher sua direção na vida. Contudo, à medida que progride e avança na direção escolhida, torna-se cada vez mais difícil para ele retroceder. O Faraó barrou seu próprio caminho para a *teshuvá*, pois persistindo em sua senda pecaminosa, tornou-se progressivamente insensível à verdade.

Moshê e Aharon realizam sinais milagrosos

Moshê e Aharon apareceram no palácio. Ao vê-los, o Faraó encheu-se de cólera. Virou-se para os guardas e gritou: "Já não dei ordens explícitas para não admitirem mais estas pessoas?" Os guardas estavam confusos: "Não sabemos como conseguiram entrar," responderam. "Todas as entradas estão fortemente vigiadas."

O Faraó havia jurado a si mesmo: "Da próxima vez que esse Ben-Amram vier aqui, eu o esfaquearei, enforcarei, queimarei. Encontrarei algum tipo de morte que dê cabo dele!" Mas assim que Moshê entrou, o Faraó ficou mudo como uma porta, e não ousou botar as mãos nele.

Moshê e Aharon transmitiram a mensagem de *Hashem* ao Faraó. Quando o rei solicitou um sinal, Aharon, na presença da corte egípcia inteira, atirou seu bastão ao solo, e este se transformou em serpente. O Faraó começou a rir: "Estas são as maravilhas de teu D'us?" caçoou. "As pessoas geralmente tentam vender mercadorias num local onde são necessárias, e não num lugar onde há abundância delas! Nós, egípcios, somos os mais famosos feiticeiros do mundo, e você acha que pode nos ensinar magia!" O Faraó zombou: "Até as crianças egípcias são capazes de fazer esta proeza!" Mandou que algumas crianças de quatro ou cinco anos fossem trazidas, entregando-lhes varas. Todas foram capazes de converter bastões em serpentes.

A corte inteira estava repleta de serpentes contorcendo-se. Dois renomados magos egípcios ridicularizaram Moshê, dizendo: "Você pretende vender palha a Ofarayim, uma cidade que possui palha em excesso? Realmente acreditava que ficaríamos impressionados com sua mágica, neste país onde se originou a arte da magia negra?"

Moshê respondeu: "É exatamente por isso que *Hashem* enviou-me para cá. Se alguém tem boas verduras para vender, leva-as ao mercado onde os compradores são peritos e as apreciam."

As palavras de Moshê implicavam: "Ao final, vocês, que são especialistas em magia terão de testemunhar a verdade, que nossas maravilhas não têm origem na mágica. São fenômenos sobrenaturais que só podem ser realizados através do poder de *Hashem*."

A serpente de Aharon abriu bem a boca e devorou todas as outras serpentes que deslizavam no chão.

"Este truque é velho como Adam," gracejou um conselheiro egípcio. "Todos sabem que uma serpente pode engolir outra. Deixem que Aharon nos mostre se sabe fazer um bastão engolir todos os outros. Se for capaz disto, saberemos que não é um feiticeiro comum, mas é ajudado pela força de *Hashem*!"

Um milagre ocorreu, e a serpente de Aharon transformou-se novamente em bastão, devorando todos os outros bastões. Mesmo assim, o bastão permanecia tão fino quanto antes, e não se percebia que havia acabado de devorar dúzias de varas. O Faraó tremeu: "E se ele agora ordenar à vara que me devore, bem como meu trono?" pensou.

Não obstante, como *Hashem* previra, o Faraó endureceu o coração e recusou-se a libertar *Benê Yisrael*.

Moshê adverte o Faraó sobre a primeira praga

Hashem disse a Moshê: "O Faraó recusa-se a deixar o povo sair. Advirta-o que a menos que Me ouça, trarei uma praga devastadora sobre ele e seu povo. Vá ao Nilo de manhã cedo para encontrar o Faraó, e advirta-o lá. Ele finge ser um deus, e por isso vai ao Nilo, realizar suas funções corporais em segredo.

"Assim, desmascararás o Faraó provando que ele não é divino. Leva contigo o bastão que se transformou em serpente. Ele o reconhecerá. Isto o fará lembrar dos milagres realizados e sentir medo.

"Diga-lhe: '*Hashem*, D'us dos hebreus, enviou-me para ordenar: Deixe meu povo ir, para que possam servir-Me no deserto. Mas se te recusares a ouvir, saiba que com este bastão golpearei as águas do rio, e as transformarei em sangue. Através disto saberás que EU SOU *HASHEM*!'"

A estratégia de D'us ao punir o Faraó era diferente da guerra travada por seres humanos. Se um homem deseja derrotar o inimigo, prepara o ataque secretamente, para tomar o outro de surpresa. *Hashem*, porém, enviou Moshê antes da primeira praga, a fim de dar uma advertência explícita ao Faraó. *Hashem* esperava que ele fizesse *teshuvá*, e a praga não fosse necessária.

Moshê encontrou-se com o Faraó de manhã bem cedo às margens do Nilo e censurou-o, dizendo: "Você alega divindade. O que, então, está fazendo aqui? Um deus também realiza funções corporais?"

"Quem disse que sou divino?" perguntou-lhe o Faraó.

"Você não diz isso aos egípcios?"

"E quem são os egípcios? Aqueles tolos! Não são seres humanos, são asnos. Que importa o que lhes digo?" zombou o Faraó.

Moshê repetiu as palavras de *Hashem* ao Faraó, advertindo-o de que o Nilo se transformaria em sangue, mas o Faraó não deu ouvidos à ameaça.

Um valioso ensinamento sobre gratidão

A seguir, *Hashem* ordenou a Moshê: “Estenda a mão e golpeie o rio!”

Moshê contestou: “Será que é certo que eu golpeie o Nilo? Quem bebeu de um poço não deve depois atirar pedras nele. Ao ser colocado no Nilo, quando era bebê, as águas do rio não afundaram meu cesto; pelo contrário, protegeram-me. Deveria agora bater nessas mesmas águas?”

Da resposta de Moshê aprendemos a força da obrigação de demonstrar gratidão a qualquer criatura que agiu com bondade conosco.

Deveríamos deduzir disto também quão grande deve ser nossa gratidão para o próprio *Hashem*, que é a fonte de todos os benefícios que a pessoa recebe.

A primeira praga: *dam*, sangue

Moshê advertiu o Faraó por um período de três semanas, mas ele não tomou conhecimento. Então, os egípcios acordaram uma manhã, e encontraram o Nilo brilhando com uma cor vermelha incomum. A chocante notícia logo se espalhou. O líquido que enchia o rio parecia, tinha gosto e cheirava como sangue. Todos os peixes do rio morreram, e o rio exalava um péssimo odor.

Os egípcios começaram a procurar outras fontes de água, dizendo: “Deve haver algum manancial subterrâneo que esteja limpo. Moshê foi capaz de afetar apenas a água que é visível.”

Cavaram poços ao redor do rio, porém mesmo as águas subterrâneas transformavam-se em sangue. O Egito parecia estar saturado de sangue. Sangue pingava das colunas do palácio do Faraó, brotava da madeira e das pedras, fluía dos ídolos. As frutas já não produziam mais suco, pois quando os egípcios as espremiam, era sangue que escorria. Até a saliva que saía da boca transformava-se em sangue.

Havia uma única fonte de água potável, pura e cristalina – a água da terra de Goshen. *Benê Yisrael* tinham quanta água quisessem. Os egípcios corriam a Goshen para obter um pouco daquele precioso líquido, mas assim que tentavam sorver um gole de água, esta transformava-se em sangue. Mesmo se um egípcio compartilhasse uma jarra de água com um judeu, o judeu bebia água, enquanto o líquido que escorria garganta abaixo do egípcio era sangue. Logo, contudo, os egípcios descobriram que se pagassem pela água, esta permanecia água. Foram para Goshen levando ouro e prata, assim enriquecendo *Benê Yisrael*.

No fundo do coração, os egípcios sabiam porque *Hashem* os afligia com esta praga. Eles adoravam o Nilo. O D'us dos judeus estava lhes mostrando que o rio não era, de fato, divino. Além disso, a visão de sangue lembrava os egípcios do inocente sangue judeu que derramaram. E *Hashem* os estava castigando através do Nilo porque os egípcios tentaram impedir as mulheres judias de imergirem no rio, a fim de se purificarem para seus maridos.

O Faraó chamou seus mágicos e perguntou-lhes: “Vocês sabem como transformar água em sangue?”

“Sim, sabemos,” responderam.

Os feiticeiros egípcios transformaram então, água em sangue através da magia. Vendo isto, o Faraó decidiu ignorar a praga, assim como ignorara o sinal da vara que devorou os outros bastões.

Esta primeira praga não prejudicou o Faraó pessoalmente; *Hashem* esperou pacientemente para puni-lo, pois Moshê havia sido nutrido e criado em sua casa. A praga durou sete dias.

A segunda praga: *tsefardea*, rãs

Quando os sete dias da praga anterior terminaram, *Hashem* ordenou a Moshê que advertisse o Faraó da próxima praga, dizendo: “Se você recusar-se a libertar *Benê Yisrael*, afligirei todas as suas fronteiras com rãs. O rio pululará de rãs, elas entrarão em suas casas e quartos, em suas camas e nas casas de seus servos, em seu povo, e em seus fornos, e em seus apetrechos de assar!”

Moshê avisou o Faraó sobre a praga das rãs durante três semanas, mas o Faraó não deu ouvidos.

A segunda praga novamente ocorreu através de Aharon e não Moshê, pois implicava em afligir o rio que protegera sua cesta.

Hashem ordenou a Moshê: “Diga a Aharon: ‘Estenda sua mão com seu bastão de forma que todas as correntes, rios e represas do Egito produzam rãs.’”

Assim que Aharon estendeu a mão, os egípcios ficaram estupefatos ao se depararem com uma cena horrível. De dentro do rio, saltou uma rã gigantesca e medonha, que avançava no caminho principal em direção ao palácio do Faraó.

Hashem deu a última chance para os egípcios se arrependem antes de serem invadidos por mais rãs.

Os egípcios trouxeram armas e paus, com os quais pretendiam matar a monstruosa rã. Em vez de cair morta, ela abriu completamente a boca, e cuspiu legiões de rãs bebês. Deixou escapar um silvo estridente, e a este

sinal, hordas de rãs saíram do rio. Marcharam descendo a estrada principal, aparentemente com um objetivo definido em mente. Pode-se bem imaginar o horror dos egípcios quando o exército de rãs dirigiu-se diretamente ao palácio do rei. *Hashem* fez com que a praga o visitasse primeiro, já que tornou-se arrogante quando viu que não sofreu pessoalmente com o sangue. Portanto, *Hashem* disse: "Serás o primeiro a ser afetado pela praga das rãs."

As rãs acorreram pelas entradas do palácio, subiram as escadas, e entraram nos aposentos particulares do rei. O Faraó estava na cama quando as rãs saltaram sobre suas cobertas, arrastaram-se por entre seus lençóis, morderam e invadiram seu corpo. Depois do Faraó, todos os membros da corte egípcia foram afligidos pela praga, e então as pessoas comuns.

As rãs encheram as casas egípcias, pulando sobre as mesas e cadeiras, nas camas dos egípcios e mordendo-os. A rã maior e mais pesada estabeleceu-se no palácio do Faraó.

Mesmo depois de terem deslizado para dentro do corpo dos egípcios, as rãs não morreram. Continuaram a fazer um barulho ensurdecedor no estômago das pessoas, gritando: "Por quanto tempo precisaremos ficar aqui?" Outro coro de rãs, na parede do estômago, coaxava a resposta: "Até que Moshê, filho de Amram, venha e ore para que sejamos libertadas."

A praga espalhou-se em todo o Egito. As rãs saltavam nos campos, devorando o produto da agricultura.

Como foi possível que as rãs entrassem nas casas de pedras e mármore, mesmo depois de os egípcios terem trancado portas e janelas? Este foi um dos milagres de *Hashem*, que mudou as leis da natureza, dando a uma substância macia o poder de penetrar numa dura. Assim que as rãs declararam: "Somos mensageiras de *Hashem*, que criou o mundo," as pedras e o mármore separaram-se imediatamente, permitindo às rãs que os penetrassem.

Quando uma egípcia aquecia o forno para assar pão, as rãs pulavam dentro da massa e a mordiscavam. Por isso, a mulher a colocava apressadamente no forno. As rãs, contudo, aderiam à massa, e se deixavam assar junto. Esfriavam o calor de forma que nenhum pão ficasse bem assado.

A lição das corajosas rãs

Os *tsadikim* Chananyá, Mishael e Azaryá extraíram uma lição do exemplo das rãs muitos anos depois, quando se encontravam perante o perverso rei Nevuchadnetsar. Durante o reinado deste cruel rei babilônico que destruiu o *Bet Hamicdash*, três meninos judeus foram levados ao palácio. O rei criou-os lá, esperando que eles por fim esquecessem completamente o Judaísmo. Quando o imperador ergueu uma estátua em sua honra e ordenou aos súditos que se prostrassem para ela, Chananyá, Mishael e Azaryá se recusaram. Furioso, o rei ameaçou jogá-los numa fornalha ardente se não obedecessem.

Chananyá, Mishael e Azaryá não cederam à exigência do rei; recusaram-se a adorar a estátua. Encorajaram-se uns aos outros lembrando o que as rãs tinham feito no Egito: "Temos que aprender uma lição das rãs no Egito. Aquelas criaturas minúsculas, às quais nunca foi ordenado que sacrificassem a vida por amor a *Hashem*, corajosamente entraram nas fornalhas ardentes do Egito, obedecendo à ordem de *Hashem* de penetrar em cada canto das casas egípcias. Nós, que recebemos a *Torá* no Monte Sinai, com certeza somos obrigados a morrer por *Hashem* antes de nos curvamos diante da imagem de Nevuchadnetsar. Se as rãs estavam prontas a sacrificar a vida por *Hashem*, nós certamente estamos preparados para fazer o mesmo."

Hashem operou um milagre para essas rãs que arriscaram a vida pulando nos fornos ardentes. Quando a praga foi extinta, as rãs saíram dos fornos ilesas e voltaram ao Nilo, de onde tinham vindo, enquanto as rãs restantes morreram. Milagre igual foi realizado para Chananyá, Mishael e Azaryá. Não foram feridos pelo fogo e saíram da fornalha sãos e salvos, deixando perplexo o rei e seus conselheiros.

O fim da praga das rãs

Os egípcios sofreram imensamente com a praga das rãs. Nem um único egípcio pôde escapar desta praga. Assim que enchia um copo para tomar um gole d'água, encontrava-o repleto de repulsivas rãs. O coxar que continuava mesmo depois que entravam nos estômagos dos egípcios os incomodava mais do que os atos de destruição. Não havia absolutamente nenhuma maneira de se livrar das rãs, pois se um egípcio tentava matar alguma com paus ou pedras, novas rãs brotavam em seu lugar. Assim, tiveram que desistir de qualquer tentativa de destruí-las.

O Faraó chamou seus magos e perguntou-lhes se eram capazes de produzirem rãs.

"Certamente," responderam, e fizeram aparecer mais rãs. Não tinham, porém, uma solução para se livrarem das existentes. O Faraó foi então obrigado a chamar Moshê e Aharon. "Implorem a *Hashem* que retire os sapos de mim e do meu povo," rogou, "e deixarei *Benê Yisrael* partirem."

"Agora provarei a você que esta praga é um milagre Divino, e não um fenômeno natural," exclamou Moshê. "Estabeleça quando esta praga deverá terminar, e rezarei a *Hashem* que ponha um fim nela no tempo que você designar."

"Amanhã," disse o Faraó.

"Será como disse," proclamou Moshê, "para que saiba que não há ninguém como *Hashem*, nosso D'us."

Moshê clamou ao Todo Poderoso. No dia seguinte, as rãs nas casas, pátios e campos pereceram. Todas haviam morrido com uma única exceção: as rãs que saltaram voluntariamente para dentro dos fornos permaneceram vivas, e lhes foi permitido voltar ao rio. Assim, *Hashem* demonstrava que quem se sacrifica por Ele jamais sofrerá uma perda.

As rãs mortas não desapareceram completamente, mas jaziam por todo o Egito. Os egípcios tiveram que juntá-las. Como havia muitas, cada egípcio juntou pelo menos quatro pilhas. As rãs mortas eram ainda mais repugnantes que as vivas. Emitiam um cheiro nauseante, que permeava a terra toda.

A praga das rãs afligiu apenas os egípcios, porém poupou *Benê Yisrael*. De fato, se um judeu e um egípcio andassem lado a lado pela mesma calçada, a rã fugiria do judeu e pularia sobre o egípcio.

Assim que a praga cessou, o Faraó endureceu novamente o coração. Isto é típico de um perverso, que não faz *teshuvá* sincera, mas apenas promessas coagidas, reincidindo em erros assim que sente alívio.

A terceira praga: *kinim*, piolhos

A terceira praga não foi precedida por advertência, uma vez que o Faraó ignorou os avisos que precederam as duas primeiras.

Hashem ordenou a Moshê: "Diz a Aharon que estenda sua vara e golpeie o pó do Egito, para que se transforme em piolho!" A ordem para trazer esta praga foi novamente dada a Aharon, e não a Moshê, pois não seria correto Moshê golpear a areia que ocultou o corpo do egípcio que matara.

Quando Aharon golpeou o pó, apareceram piolhos que infestaram os egípcios e seus animais. Picavam os corpos como agulhas, invadiram também os campos e instalaram-se sobre a colheita.

Mesmo se os egípcios cavassem a uma profundidade de quase meio metro solo adentro, não encontrariam terra, só piolhos. Assim que esta praga começou, *Benê Yisrael* foram libertados do trabalho escravo, uma vez que não havia mais nenhuma terra à disposição para construção.

O Faraó chamou seus magos para que também produzissem piolhos, mas desta vez falharam. Apesar de saberem transformar uma vara em serpente e água em sangue, e produzir sapos, não conseguiam criar piolhos. "Somos incapazes de produzir piolhos," admitiram ao Faraó. "A magia não tem poder sobre algo menor que um grão de cevada. Somos forçados a admitir que esta praga resulta da mão de D'us."

Com essa praga, os egípcios compreenderam que as anteriores haviam sido maravilhas Divinas. Então os magos se retiraram e daí em diante não tentaram mais imitar as maravilhas de Moshê.

(Quão grandes foram nossos Patriarcas, pois *Hashem* revelou-lhes eventos que viriam a ocorrer muitos séculos mais tarde. Ele revelou-lhes até mesmo todo o futuro, até o fim dos tempos. Nosso Patriarca Yaacov previu profeticamente as dez pragas. Ordenou a Yossef que tirasse seu corpo de Egito, pois sabia que, no futuro, o Egito seria infestado de piolhos, e não queria que seu corpo fosse afetado.)

A quarta praga: *arov*, feras

Hashem ordenou a Moshê que se levantasse de manhã cedo e fosse encontrar o Faraó junto ao Nilo, e o advertisse que deixasse *Benê Yisrael* partirem.

Hashem instruiu Moshê: "Diga-lhe: 'Se você não deixar meu povo partir, enviarei uma miscelânea de feras selvagens, serpentes e escorpiões sobre sua terra. Encherão as casas do Egito, bem como a terra. Distinguirei a terra de Goshen, onde Meu povo habita, e não permitirei que bestas selvagens entrem lá. Então você compreenderá claramente que apesar de Minha *Shechiná* (Presença Divina) residir no Céu, EU SOU *HASHEM* QUE EXERCE SUA PROVIDÊNCIA NO MEIO DA TERRA!'"

Hashem instruiu Moshê a encontrar-se com o Faraó de manhã mais cedo que o usual, pois Ele estava ciente das intenções do Faraó. Os pensamentos secretos do Faraó eram: "Este Ben-Amram vem encontrar-me toda manhã. Hoje me apressarei e sairei antes que ele chegue." Por isso, *Hashem* disse a Moshê para encontrar o Faraó mais cedo que de costume.

O Faraó não deu ouvidos aos avisos que Moshê repetidamente lhe transmitira durante três semanas. Por isso, as bestas selvagens afluíram ao Egito. Consistiam de leões, ursos, serpentes, escorpiões, ratos, fuinhas, aves de rapina e insetos. As bestas rugiam e atropelavam tudo por onde passavam, e mordiam as pessoas; as moscas e mosquitos esvoaçavam dentro dos olhos e ouvidos. As bestas invadiram primeiro o palácio do Faraó, e só depois as outras casas egípcias.

Os egípcios trancaram-se em casa, cerrando as portas com todos os cadeados e ferrolhos que tinham. Então monstros marinhos, com tentáculos gigantes, emergiram do oceano. Subiram ao topo dos telhados, estenderam os tentáculos, atacaram todos os cadeados e abriram portas e janelas. Em seguida, as feras entraram nos quartos das casas egípcias, e prepararam-se para ali passar a noite. E terror dos terrores! De repente, os animais domésticos já não eram mais domesticados! Os burros zurravam, bois mugiam desvairadamente, mostrando os dentes e mordendo os egípcios até a morte. Todavia, *Hashem* não permitiu que os animais invadissem Goshen, onde *Benê Yisrael* viviam.

O Faraó chamou Moshê e Aharon: "Permito-lhes oferecer sacrifícios ao seu D'us nesta terra, mas não posso deixá-los ir à vastidão do deserto."

"Não podemos fazer isto," replicou Moshê. "Nossos sacrifícios são as ovelhas que os egípcios idolatram. Com certeza não nos deixarão sacrificar seus deuses ante seus próprios olhos sem nos apedrejarem. Deixe-nos viajar uma jornada de três dias ao deserto e oferecer sacrifícios a *Hashem*, nosso D'us, conforme Ele nos ordenará.

O Faraó replicou: "Vá e faça sacrifícios para seu D'us, mas não vá muito longe! Implore a *Hashem* que tenha misericórdia de mim e retire as bestas selvagens!"

Moshê respondeu: "Pedirei a *Hashem* em seu favor, mas não nos engane sobre o cumprimento de sua promessa!"

Moshê deixou o Faraó e rezou a *Hashem* para dar fim à praga. *Hashem* aceitou a oração de Moshê, e os animais selvagens foram removidos. Não pereceram como as rãs, para que os egípcios não obtivessem nenhum benefício utilizando as peles como couro, ou a carne como alimento. Em vez disso, desapareceram sem deixar rastros.

Mas o Faraó novamente endureceu seu coração, e não permitiu que *Benê Yisrael* partissem.

A quinta praga: dever, peste

Hashem disse a Moshê para avisar o Faraó que a menos que libertasse os judeus, uma pesada peste cairia sobre o Egito no dia seguinte. *Hashem* fixou o início da praga para o dia seguinte a fim de evitar que os egípcios alegassem que era uma doença natural em vez de milagre. Além disso, o anúncio de que a praga ocorreria um dia mais tarde deu tempo ao Faraó para se arrepender.

O Faraó ignorou o aviso. No dia seguinte, uma pesada peste atingiu os animais egípcios, e todos pereceram. Não apenas os animais morreram, mas os cavaleiros também pereceram com seus cavalos, os pastores com as ovelhas, os condutores com os burros, os condutores de camelos com seus animais.

A peste, contudo, poupou todos os animais pertencentes a *Benê Yisrael*, bem como os de comum propriedade entre um judeu e um egípcio. Qualquer egípcio que tenha se apossado de um animal de um judeu e fraudulentamente alegava a posse, era agora desmentido. Uma vez que o animal não perecera, o egípcio tinha de admitir que pertencia a um judeu, e era compelido a devolvê-lo. Não apenas os animais de *Benê Yisrael* não foram prejudicados, mas, de fato, foi uma época de bem-estar para *Benê Yisrael*, durante a qual não sofreram perdas financeiras ou preocupações e ansiedades.

A sexta praga: shechin, sarna

Hashem ordenou a Moshê e Aharon que cada um pegasse duas mancheias de fuligem de uma fornalha. Aharon daria suas mancheias a Moshê, então Moshê jogaria a fuligem para cima, em direção ao céu. *Hashem* transformou-a em pústulas leprosas que desceram sobre os egípcios e seus animais.

Moshê e Aharon colheram a fuligem na presença do Faraó, e Moshê atirou-a em direção ao céu.

O ato de levar a sarna ao Egito incluía três milagres:

✓ Apesar de uma pessoa normal não ser capaz de atirar uma flecha numa distância longa, a fuligem atirada por Moshê atingiu o Céu (mesmo sendo uma substância sem peso, que não voa muito longe).

✓ Uma mão de Moshê miraculosamente conteve quatro mancheias de fuligem (duas que ele pegou com ambas as mãos, e duas que Aharon lhe deu).

✓ Esta quantidade de fuligem, normalmente, seria suficiente para cobrir apenas uma área pequena, mas quando Moshê jogou-a, dispersou-se sobre toda a terra do Egito.

Esta praga foi realizada de maneira espetacular através da ação conjunta entre *Hashem*, Moshê e Aharon, pois era a mais prejudicial de todas as dez pragas; acarretando sofrimento físico a cada egípcio (não prejudicando apenas suas posses).

A praga da sarna era diferente de qualquer doença que os egípcios já houvessem experimentado. Os sintomas pareciam-se com os da lepra, mas esta doença não podia ser definida como um tipo específico de lepra; uma vez que, de fato, consistia numa combinação de vinte e quatro diferentes tipos de lepra. As pústulas que

cobriam os corpos eram úmidas por dentro e secas por fora. Era impossível aliviar a dor. Qualquer unguento que amolecasse a crosta seca exterior agravaria a camada interior úmida; e qualquer medicação que aliviasse a umidade irritava a parte seca.

Os magos do Faraó foram tão severamente acometidos de pústulas que não conseguiam ficar de pé quando Moshê e Aharon entraram no palácio. Foram castigados por terem sugerido que os judeus recém-nascidos fossem atirados ao Nilo com o objetivo de exterminar Moshê, e por terem pronunciado a sentença de morte de Moshê quando, em criança, tirou a coroa do Faraó. Os magos não se recuperaram das pústulas nem depois que a praga terminou, e ficaram doentes até morrer.

Embora os egípcios não fossem muito perturbados pelas pragas anteriores, consideravam as pústulas intoleráveis e gritavam: "Esta é uma praga horrível!"

O Faraó convocou Moshê e Aharon, rogando-lhes que terminem com a praga. Mas uma vez que as bolhas desapareceram, o Faraó não cumpriu as promessas. *Hashem* endureceu Seu coração para puni-lo por ter se recusado a fazer *teshuvá* durante as cinco primeiras pragas.

Tornou-se cada vez mais difícil para o Faraó arrepender-se, não obstante ele ainda possuía a liberdade de escolha para obedecer *Hashem*, se apenas fizesse um esforço sincero.

A sétima praga: *barad*, granizo

Hashem ordenou a Moshê: "Levante-se muito cedo para se apresentar no palácio do Faraó e avisá-lo sobre a praga do granizo!" *Hashem* sabia que o Faraó, nesta manhã específica, planejava esconder-se de Moshê. Por isso, disse a Moshê para ir ao palácio mais cedo, antes que o Faraó saísse para o Nilo.

"Diga-lhe: 'Assim fala *Hashem*, o D'us dos hebreus: Deixe meu povo sair para que Me sirvam. Pois que desta vez enviarei todas as Minhas pragas sobre você, e você saberá que NÃO HÁ NINGUÉM COMO EU SOBRE A TERRA. Eu poderia facilmente tê-los dizimado na praga da peste, mas reservei aquela praga aos animais, mantendo vocês com vida, para mostrar-lhes Meu poder de modo que Meu nome seja proclamado através de todo o mundo!"

Hashem anunciou que através da praga do granizo, Sua grandeza seria reconhecida pelos egípcios. Ao ver as pedras de granizo, que eram uma combinação de fogo e água que nitidamente contrariava a lei natural, teriam que admitir que o cosmo era governado pela Divina Providência, e não por leis naturais.

Hashem instruiu Moshê a dizer ao Faraó: "Uma vez que você ainda oprime Meu povo e recusa-se a libertá-lo, farei com que pesado granizo caia amanhã, a esta hora. Granizo assim jamais se viu, nem no Egito, nem em nenhum outro lugar do mundo. Agora recolham o gado e tudo o que tenham nos campos, porque qualquer coisa que não estiver abrigada será atingida pelo granizo e perecerá!"

A advertência de *Hashem* revela Sua grande compaixão, até mesmo pelos perversos e seus pertences. *Hashem* teve pena dos egípcios e seus animais. Por isso, avisou-os que recolhessem os animais, para que fossem poupados do granizo.

Moshê transmitiu as palavras de *Hashem* ao Faraó. Fez uma marca no relógio solar do Faraó, para indicar a hora exata em que a praga começaria no dia seguinte. Contudo, o Faraó exclamou: "Por que deveríamos agora ouvir este Ben-Amram mais que das vezes anteriores?" Deixou seus animais no campo, e assim fizeram a maioria dos egípcios, exceto alguns que eram tementes a D'us.

Os perversos podem ser comparados ao mar tempestuoso. A primeira onda declara: "Rolarei até a praia e inundarei o mundo." Mas assim que atinge a areia, desmancha-se. A onda que se segue anuncia novamente: "Inundarei o mundo," mas também se desmancha na areia. Cada onda faz a mesma declaração. Nunca aprende uma lição da onda anterior.

Assim era o Faraó, vaidoso e arrogante, e por isso sofreu.

Esta praga começou como uma mera chuva, pois *Hashem* esperava que os egípcios ainda fizessem *teshuvá*. Ao final, a chuva se transformou em tempestade. Trovões rugiam, raios riscavam o céu, e a terra tremeu. Então enormes pedras de granizo se precipitaram do Céu, compostas de blocos de gelo e fogo. Mas o fogo não consumia o gelo, nem o gelo extinguiu o fogo.

Apesar de fogo e água serem elementos hostis por natureza, quando o Todo Poderoso conclamou-os para travarem guerra contra os egípcios, imediatamente uniram forças.

O barulho ensurdecido do granizo caindo chacoalhou a terra. Quem quer que estivesse no campo, homem ou animal, era atingido, congelado pelo gelo e queimado pelo fogo. O pavor dos egípcios era enorme. Apressaram-se a recolher os animais aos estábulos, mas era tarde! As pedras de granizo amontoavam-se à sua frente, formando uma parede sólida de gelo e fogo que não podiam penetrar. Vendo que não havia chance de levar os animais aos estábulos com vida, os egípcios os abateram, para que pelo menos se

beneficiassem de sua carne. Colocaram os animais sacrificados sobre os ombros, mas grandes aves de rapina mergulharam voando do céu e devoraram todas as carcaças.

O granizo quebrou árvores e destruiu as plantações até as raízes mais profundas. Toda a plantação foi destruída, exceto trigo e espelta, que *Hashem* quis poupar para que os gafanhotos devorassem. Alguns egípcios correram à terra de Goshen para escapar do granizo, mas as pedras caíam em cima deles lá também, sem jamais tocar num judeu.

O Faraó estava atônito com a unificação do fogo com a água, e espantado com a devastação. Mandou chamar Moshê e Aharon e confessou: "Desta vez, pequei. *Hashem* é justo e virtuoso, pois advertiu-nos previamente para juntarmos as pessoas e animais, de modo que fôssemos salvos, mas eu e meu povo somos malvados por não ter obedecido Seu aviso, e causado derramamento de sangue inocente. Rogue a *Hashem* para que a praga termine. Eu os deixarei ir a todos!"

Moshê respondeu: "Rezarei por você, mas não posso rezar aqui, na cidade que está cheia de ídolos. Deixarei a cidade e rezarei lá fora, ao ar livre. Na realidade, não creio em suas palavras, pois sei que você não teme a D'us de verdade, e mais tarde mudará de idéia. Não obstante, porei um fim à praga através de minhas orações, a fim de que você reconheça a grandeza de *Hashem*!"

Moshê deixou a cidade, e estendeu as mãos em súplica. Assim que levantou as mãos, antes que proferisse uma palavra de oração, o granizo cessou. Mesmo as pedras que estavam caindo ficaram suspensas no ar. Lá permaneceram por quarenta e um anos, finalmente caindo no tempo de Yehoshua, sucessor de Moshê. Quando este lutou para libertar a Terra de Israel dos canaanitas, o restante desse granizo choveu sobre as nações, matando-as.

O trovão também cessou assim que Moshê preparou-se para rezar. O inacabado ribombar dos trovões reiniciou-se também no tempo de Yehoshua auxiliando-o numa de suas batalhas pela conquista de Israel.

O poder do *tsadic*

Compreendemos a grandeza de um *tsadic* do fato de que o granizo cessou no exato momento em que Moshê se preparava para orar. "*Tsadic gozer veva'Cadôsh Baruch Hu mecayem*" / O *tsadic* tem o poder de decretar, e *Hashem* cumpre imediatamente sua vontade.

Na época do Sábio Choni Hamaaguel, *Êrets Yisrael* sofria com três anos sucessivos de fome. Apesar de todas as orações e súplicas ao Todo Poderoso, não caía nenhuma chuva. Uma delegação de alunos de Choni Hamaaguel foi ao *tsadic* solicitando, "Reze por chuva".

"Guardem todos os fornos que estão nos pátios para que eles não se estraguem pela chuva," ordenou. Choni rezou, mas nenhuma chuva caiu. Ele traçou um círculo, pôs-se no centro dele e rezou: "Senhor do Universo, teus filhos procuraram-me pois sou como um *ben bayit*, membro de seu lar. Juro pelo Teu Nome que não me moverei daqui até que tenhas misericórdia de Teus filhos!"

A chuva começou a gotejar pouco a pouco.

"*Rabi*," os alunos lhe imploraram, "esta chuva não é o suficiente; só uma pequena quantidade caiu, aparentemente somente para absolvê-lo de seu juramento (que não saírias do círculo a menos que chovesse). Não nos deixe morrer de fome!"

Choni disse a *Hashem*, "Não é isso que pedi, quero chuva suficiente para encher todas as cisternas e poços!". Uma tempestade destrutiva caiu, cada gota desta chuva grande como um barril.

"*Rabi*," os alunos clamaram, "esta chuva destruirá o mundo! Não nos permita morrer!"

"Isto não é o que pedi," Choni disse a *Hashem*. "Quero uma chuva de bondade e bênção!"

Então uma chuva abençoada começou a cair. Todos os judeus tiveram que abandonar a cidade de Jerusalém e buscar abrigo debaixo do teto do *Har Habáyit*, o monte do Templo (que era coberto).

Os alunos de Choni suplicaram: "Rabi, assim como rezaste pela chuva, faz com que ela cesse!"

Ele replicou: "Sei que não é correto pedir que uma bênção se vá. Porém, rezarei mesmo assim."

Choni exclamou: "Senhor do Universo, Teu povo, Israel, a quem tiraste do Egito, não pode suportar nem muita bondade, nem punição demais. Agora que estás derramando sobre eles uma abundância de bênção, não conseguem agüentar. Seja Tua vontade que a chuva cesse e o mundo encontre alívio!"

Imediatamente, um vento começou a soprar, as nuvens se dispersaram, e o sol apareceu. Quando as pessoas saíram aos campos, encontraram cogumelos que haviam brotado com a chuva.

Rabi Shim'on ben Shetach, o *nassi* (a mais alta autoridade da época), enviou uma mensagem a Choni: "Se não fosse você, Choni, eu te desterraria pela maneira com que falou ao Todo Poderoso. Mas o que posso fazer – você pede a *Hashem* como um filho que suplica ao pai, e Ele cumpre seu desejo."

Se Choni, um dos descendentes de Moshê, conseguiu mudar as leis da natureza através de sua oração, muito mais Moshê, ele próprio, possuía essa força.